



O candidato foi ao comício do Gama, mas confessou que prefere a conversa ao pé do ouvido, o bom papo

# MEIRA

200

## Um radialista que ouve muito mais do que fala

“Seu Meira, o senhor lembra de mim? Há 12 anos atrás o senhor arrumou uma dentadura pra mim, lembra? Eu voto no senhor, viu?” Coisas deste tipo, “seu” Meira ouve todo dia. Em 36 anos de radialismo, Meira Filho perdeu as contas de quantas pessoas ajudou, através do “Programa do Meira”, apresentado pela Rádio Planalto, diariamente, das 8 às 11 horas. Hoje, candidato a senador pelo PMDB, ele tem colhido bons frutos: dos ouvintes, as mesmas pessoas que passaram a eleitores em potencial.

O único trabalho de Meira Filho, nesta campanha, é o de apresentar como o dono de uma das vozes mais ouvidas em Brasília. “Eu sou o Meira”, repete inúmeras vezes ao dia, recebendo como resposta, invariavelmente, um sorriso, forte abraço, agradecimentos e — principalmente — muitos pedidos. E eles são tantos que têm assustado o candidato: “Quando eu era moço, existia uma pobreza envergonhada. Agora, existe uma pobreza sem-vergonha. Tem gente que pede geladeira, televisão, máquina de lavar... Onde já se viu?”

Dos estúdios da Rádio Planalto (onde entra às 8 horas, todo dia), ao corpo-a-corpo da campanha (que estende-se por 24 horas, normalmente), Meira Filho é um dos candidatos mais as-

sediados pelo “povão”, atraído pelas promessas e ajudas comprovadas. Durante o programa, dezenas de pessoas — na maioria mulheres com seus filhos — vão se aglomerando na porta da Rádio. O programa termina às 11 horas, mas somente uma hora e meia depois ele consegue entrar no carro, esquivando-se dos fãs (leia-se eleitores).

No carro, a caminho de um almoço eleitoral, vai desabafando. “Para quem gosta de enganar, isso é um prato cheio”. E é mesmo. Todo mundo promete o seu voto, e o da família inteira, em troca de dinheiro, cadeira de rodas, casa, emprego e muito mais. “Não vota em mim, não, se for por causa disso”, acaba irritando-se Meira Filho, que não poderia — nem se quisesse — atender a todos. Ele explica que isso é corrupção, acaba prometendo que vai ver o que se pode fazer e termina sempre com a mesma frase: “O voto é livre e tem que ser independente”.

No almoço, meia dose de pinga, uma cervejinha e uma olhada no programa do dia. A maratona não tem variado muito. Reuniões com grupos comunitários, longas caminhadas pelas cidades-satélites e inaugurações de comitês. Na última terça-feira, foram quatro horas nas ruas, lojas e no mercado do Gama. Usando calça

jeans e camisa listrada, o radialista confundia-se com seus eleitores. Mas tem sempre um aglomerado à sua volta e ele nunca faz comício. Ouve muito mais do que fala. “Tem que pegar na mão para ganhar a eleição”, brinca com cada um, acreditando que seus anos de radialismo dispensam promessas.

Se dispensam promessas, a popularidade de Meira Filho não dispensa desculpas. “Eu só dou meu voto para quem me ajudar. Quero um emprego de auxiliar de limpeza no Sarah Kubitschek. Eu quero é emprego, depois é rezar para que ele seja bom”, dizia Do Carmo, enquanto espera o “Programa do Meira” acabar. Para ela, o candidato disse que era amigo do diretor, mas precisava, primeiro, saber se tinha vaga. Lá se foi Do Carmo, sem saber como descobrir isso.

Já para Regina, que queria vidros para a janela de sua casa, Meira contou que enfrenta dificuldades na campanha, disse que também é assalariado e, por fim, pediu para ela trazer o orçamento. “Desse jeito não se constrói a democracia nesse País”, prega o radialista. “Todo mundo quer vender o voto. Virou comércio”, diz ele, para quem quiser ouvir. Mesmo assim, ele não perde a simpatia do eleitor. “Vou votar nele de qual-

quer jeito”, saiu dizendo Roseli, que chegou à Rádio disposta a pedir dinheiro para alimentar os dois filhos e saiu envergonhada.

Na caminhada pelo Gama, foi mais fácil. Sempre havia um cabo eleitoral por perto para puxar o candidato quando a conversa se prolongava. Tomou cafezinho num bar, água no outro, comeu churrasquinho na esquina, mantendo um ritmo acelerado, para garantir a visita a todas as lojas. Encontrou velhos amigos, muitos ouvintes e a mesma promessa do voto — que, aliás, ele nunca pede.

Meira Filho não gosta de alto-falante, trio elétrico ou muita gente à sua volta. A campanha, na sua opinião, deveria ser feita na base da “conversa ao pé do ouvido”, que é o que rende votos. “O mal do mundo é a falta de relacionamento entre as pessoas. A gente tem que ser um pouco assistente social, psicólogo e, acima de tudo, cristão”, revela o candidato, que se viu envolvido com um caso constrangedor, há poucos dias. Procurado por uma moça que ameaçava suicidar-se, porque não tinha dinheiro para pagar uma geladeira que havia comprado, Meira gastou muita saliva, paciência e dinheiro: acabou pagando a geladeira.



Em 36 anos de radialismo, Meira Filho tem recebido toda espécie de pedidos. Podendo, atende